

ANÁLISE FILOSÓFICA DOS ELEMENTOS DA COMUNICAÇÃO

ADÍSIA SÁ

O processo da comunicação, sendo fenômeno de estímulo-resposta ou de entrada e saída, envolve questões de ordem gnosiológica, lógica, epistemológica e metafísica. Carecendo, por isso mesmo, de uma análise abrangente, cujas raízes são e podem ser encontradas em Platão, Aristóteles, Agostinho, Kant, Skinner, Piaget, Schlick e outros.

A Aristóteles coube, sem dúvida, o pioneirismo de lançar os elementos da comunicação humana, sob a figura do discurso:

- a pessoa que fala;
- o discurso que pronuncia;
- a pessoa que escuta.

Mas foi o cientista político norte-americano Harold D. Lasswell quem apresentou aquilo que é apontado como modelo da comunicação nos nossos dias, considerando-se que as perguntas que formula são comuns ao processo da comunicação, seja em termos de *mass media*, seja de caráter dialogal.(1)

Destruía-se, assim, o esquema tradicional das *artes predicandi*: 1) o exórdio (apresentação); 2) a narração dos fatos (desenvolvimento do tema); 3) a argumentação (discussão do tema); 4) conclusão (*captatio benevolentiae*, recapitulação, revisão).

Procura-se, agora, atender a estas indagações:

(1) ARISTÓTELES — *Arte Retórica. Arte Poética.*

- 1 — quem (análise de controle);
- 2 — diz o que (análise de conteúdo);
- 3 — a quem (análise de audiência);
- 4 — através de que (análise de meios);
- 5 — para que (análise de efeitos). (2)

1.^a QUESTÃO QUEM

O comunicador, aquele que faz a comunicação. Como diz Whitaker Penteadó:

“Se sou eu que vou comunicar-me com alguém, quem faz a comunicação sou eu.” (3)

Sim, mas quem sou eu?

2.^a QUESTÃO DIZ O QUE

Ou Mensagem. Se não existe comunicação sem mensagem, como se assegura, este é um dos pontos de apoio do processo.

O que se diz? O que se diz com sentido? Diz-se o que se deseja, sente-se o que se quer? Ou repete-se o que se vê e o que se ouve?

3.^a QUESTÃO A QUEM

Ou receptor. Quem é quem? Conheço este “a quem” me dirijo? Um homem conhece outro homem? E se o conhece, como é possível atingi-lo, sem feri-lo?

Quem é este “a quem”? A massa, a multidão?

4.^a QUESTÃO ATRAVÉS DE QUE

Como chegar-se a alguém, através de que meio? Qual o caminho ideal para alcançar-se alguém ou a massa e fazer-se entender?

(2) LASSWELL, Harold D. — “A estrutura e a função da comunicação na sociedade”, in *Comunicação e indústria cultural*, de Gabriel Cohn.

(3) WHITAKER PENTEADO — *A técnica da comunicação humana*.

5.^a QUESTÃO PARA QUE?

O propósito é o que caracteriza a comunicação humana. Qual este objetivo?

I — QUEM SOU?

“Existem aqueles que falam...” (Platão)

O homem se encontra num mundo dado e num mundo a ser feito: significa que há um dualismo entre a existência do homem e onde o homem existe.

Existência do homem:

O homem tem, por natureza, o desejo de conhecer. (4)

Vale dizer que o ente humano é sensível ao objeto, isto é, ao mundo que o cerca. A liberdade gnosiológica é natural ao homem: seu organismo, como sistema aberto, é uma prova disto. Tudo o leva ao objeto.

Como partícipe do ser, o homem capta o que existe, pois só se completa com o que existe.

O mundo que envolve o homem:

- o informa;
- forma;
- enforma.

Nos pitagóricos vamos encontrar o primeiro sentido de imitação (mimesis), ou seja, as coisas manifestariam externamente a estrutura numérica que lhes é inerente. Significando, então, que o homem imita o que o cerca, ou seja, o mundo que o envolve.

Caberia, na doutrina pitagórica, ao próprio homem a missão de libertar a sua alma, num esforço inteiramente subjetivo e puramente humano. (5)

Onde o homem existe:

O homem situa-se num mundo dado, onde as coisas já se encontram nominadas, onde o comportamento é determinado, as palavras já existem com seus sentidos e cujo uso não pode ser arbitrário.

(4) ARISTÓTELES — A Metafísica.

(5) O Pitagorismo introduziu uma inovação na religiosidade órfica, de onde emanou: a transformação do processo de libertação da alma num esforço humano, ou seja, através do trabalho intelectual a alma, ao descobrir a estrutura numérica das coisas, torna-se semelhante ao cosmo, em harmonia, proporção, beleza.

Como diz Susanne Langer:

“Temos nossos compromissos, contraídos antes que nascêssemos.” (6)

O dado é emanado de um mundo transcendente. O mundo das idéias de Platão.

Antes de Platão os eleatas teriam inaugurado implicitamente, tanto a problemática lógica quanto a ontológica: as especulações sobre o conhecer e sobre o ser.

O dado, dizia eu, emana de um mundo ideal ou o mundo das idéias de Platão: onde estão os que fazem o dado. E o mundo dado é o estabelecido, são as estruturas. E não é impune o nosso gesto de alterar o dado, de contestá-lo, de criticá-lo, de destruí-lo.

No mundo dado os homens são presas fáceis dos sentidos, não chegando, conseqüentemente, ao desvelamento da verdade e à certeza, permanecendo no nível instável das opiniões e das convenções de linguagem.

Segundo Parmênides, caberia ao homem seguir a “vida da verdade”, ou seja, o caminho conduzido pela razão — que tudo desvendaria.

Segundo Platão, nós teríamos, então, dois mundos: o ideal e o real.

Na minha colocação, onde o ideal, inatingível pelo homem comum? E o que é o real, senão espelho do ideal manipulado por alguns?

Heráclito diz que:

“Este mundo é o mesmo para todos.”

Será?

O mundo a ser feito:

É o mundo das aparências ou “imagens” (*species*), de Platão, isto é, situações que só podem ser consideradas verdadeiras se participantes do mundo das idéias, ou seja, o que o Poder cria. . .

Homens e coisas, no mundo social, só são aceitos se participarem do modelo, do ideal, do determinado, do definido, do sistema, do transcendente. . .

O sonho de libertação da alma, pelo próprio homem, na filosofia pitagórica, parece esvair-se na opressão da realidade. . .

Neste mundo sensível, que é nosso mundo de entes dirigidos, de homens governados, de entes que assumem, antes de nascer, os seus compromissos, o estabelecido é o Absoluto. É o transcendente. Transcendente — imanente. . .

O Absoluto nos rege e dele são emanadas as determinações.

É o Poder, o absoluto. O transcendente é o Poder. O Poder é o transcendente — imanente. Real externo transcendente.

(6) LANGER, Susanne — *Ensaio filosófico*.

O Poder define as coisas, nominaliza os objetos, determina os comportamentos.

No Poder está a determinação. O Poder é o mundo ideal, o modelo, o protótipo.

A medida em que o homem se aproxima do Poder e dele faz parte, tem as ordens para dar e as determinações para ditar.

Participar, mais e mais, do Poder, nesta colocação, é fazer, ter e ser do/e/o Poder.

Na filosofia platônica a ascensão dialética é o itinerário pelo qual nos elevamos do mundo sensível ao mundo das idéias.

Daí a sede do homem de chegar à fonte de tudo: ao Poder.

Ser do Poder é sonho do homem dos nossos dias. Como ser o Poder é desejo dos mortais...

Porque ser do Poder é estar próximo do ideal, do modelo, do modelador, do emanador de tudo. Porque ser o Poder é ser o Ideal, o Emanador, o Nous, o Leviatã...

Cada homem, então, se indaga: quem sou?

Sou o Poder?

Esta expressão "quem sou" envolve: onde estou? Estou no Poder? "Quem sou", então, não é uma simples indagação, pois que representa situação, posição, determinação.

"Quem sou?"

Há momentos em que sou o emanador de tudo, como há outros em que sou uma simples grade da engrenagem...

Pai... filho... marido... empregado... condutor... presidente... passageiro... ditador...

O Absoluto nos envolve e a cada situação um poder diferente e a cada poder, uma situação diferente.

O Absoluto nos transcende ao mesmo tempo em que de nós emana. Daí transcendente — imanente.

Eu sou guiado? Estou acorrentado pelas pernas e pelo pescoço no fundo de uma caverna? O que eu sei? O que eu sei é o que aprendi e o que aprendi me foi dado dirigidamente?

"Só vendo o que se passa na sua frente, incapazes, em virtude das cadeias, de virar a cabeça." (7)

Sou governante? Sou eu quem dita as ordens? Sou a verdade? Sou o Poder? Interpreto e dito as leis?

Não me julgo. Não procuro saber quem me deu o direito de ditar. Não sou julgado. Nem procuram me julgar. Tampouco saber de onde vim com tais forças...

Sou o Poder.

Sou o Poder?

(7) PLATÃO — A República, Livro VII.

Quem sou?

— o que fala?

— o que se cala? (8)

Quem comunica?

Um homem? Um grupo? A massa? A elite? O Estado?

Eu disse que tudo emana do Poder e nesta categoria eu coloco, não apenas o político, o econômico, o religioso etc., e sim tudo aquilo que dirige, forma, plasma a sociedade.

Algumas vezes um homem falou por todos, como aconteceu que um grupo, uma classe foram intérpretes de todos. (9)

Sob o ponto de vista intersubjetivo, hoje o homem busca o "outro" numa ânsia incontida de livrar-se da sociedade niveladora, massificante.

Daí por que, em termos de comunicação, a intersubjetividade é o tema dos nossos dias. (10)

Se outrora o indivíduo era um poder, atualmente está perdido na multidão. Ou, como diz Arendt:

"O que torna a sociedade de massas tão difícil de tolerar não é o número de pessoas envolvidas ou, pelo menos, não principalmente isso, mas o fato de que o mundo que nos permeia perdeu sua capacidade de vinculá-las entre si, de relacioná-las ou separá-las." (11)

II — DIZ O QUE

"Não pareça que quero atribuir culpa às palavras pela negligência de quem ouve ou também pela surdez dos homens."

(Agostinho)

Que eu sou?

O que eu digo?

O mundo que me cerca me é dado pronto e o que eu digo é o que o mundo me diz que diga.

Não digo: transmito. Repito. Como nas reminiscências platônicas. Não penso. Recordo. Não crio. Lembro.

Entram, aqui e agora, especulações sobre o conhecer e sobre o ser. O existente e o conhecido. O ontológico e o lógico. Especulações que se originaram nos eleatas, há mais de três mil anos...

Não digo: transmito. Repito.

Repito o que me foi dado ouvir. E ver. E conhecer. E saber.

E o homem tem, por natureza, o desejo de conhecer, já dizia Aristóteles, também há três mil anos...

(8) Quem eu sou: para mim? para "o outro"?

(9) V. *Sociologia da Comunicação*, Gabriel Cohn.

(10) V. *Revista de Comunicação Social*, 1972, v. 2, números 1 e 2.

(11) Citação de Gabriel Cohn, in *Sociologia da Comunicação*.

Eu só ouço o que me dizem. Eu só vejo o que me mostram. Eu estou num mundo dado. Eu sou de mundo estabelecido. De mundo dado. E dado por "alguém", no caso, o social. O Poder, que é, do nosso tempo, o Transcendente. A verdade é a sombra projetada pelos objetos fabricados pelo Poder. Objetos materiais. Objetos ideais.

O mundo externo, que me pressiona, existe? O Realismo diz que sim. Platão afirma a existência de dois mundos, como disse acima: o externo e o metafísico.

O que me informa é o mundo externo, sim, mas formado e enformado pelo transcendente (social, o Poder). (12)

"As palavras são sinais" — esta assertiva do Bispo de Hipona abre a genealogia dos lingüistas de todos os tempos e a semiótica nele teve um de seus precursores. (13)

A mensagem dos nossos dias tem o sentido imposto pelo mundo dado e por mais que o mundo-a-fazer pelo homem seja também formado pelo pensamento, o processo da transmissão é irreversível. Isto é, a resposta é imperativa, repetida, sem a análise ontológica por quem a recebe.

Diz o que?

Ora, se o homem está no mundo e por ele é formado, é do mundo que lhe vem o conhecimento.

"Só depois de conhecer as coisas se consegue, portanto, o conhecimento completo das palavras." (Agostinho)

O homem diz, então, o que o mundo lhe ensina.

Mas, muitas vezes, pensamos mais do que o mundo nos ensina. É o momento do mundo-a-fazer.

É aqui, então, que falece o "feito", desaparece o "dado", sucumbe o "posto". E aparece o que-fazer. No mesmo processo, então, o dado e o vir-a-ser. O feito e o que-será. Eros e Tanatos. Neofilia e neofobia.

Diz o que?

"Não é surpreendente, diz Skinner, que os lingüistas e psicolingüistas não tenham conseguido explicar simplesmente porque os homens falam, por que dizem o que dizem, ou dizem-no de determinadas formas." (14)

É imprevisível o comportamento do homem, conseqüentemente, a sua mensagem.

O Empirismo tradicional defendia a tese de que toda informação cognitiva emana dos objetos, isto é, vem de fora informar o sujeito. E o Apriorismo

(12) Aconselho a leitura de MORITZ— SCHLICK — "Postivismo e Realismo", in *Os Pensadores*, vol. XLIV.

(13) Bispo de Hipona é Santo Agostinho.

(14) SKINNER — "Contingências do reforço", in *Os Pensadores*, vol. LI.

e o Inatismo, por sua vez, supunham que o sujeito está, desde o início, como explica Piaget, munido de estruturas endógenas que ele imporia aos objetos. (15)

Diz o que?

O homem só diz o que o mundo lhe ensina através dos objetos? Ou o homem pensa mais do que o mundo lhe ensina?

“O conhecimento, diz Piaget, não procede, em suas origens, nem de um sujeito consciente de si mesmo, nem de objetos já construídos (do ponto de vista do sujeito) que a ele se imporia. O conhecimento resultaria de interações que se produzem a meio caminho entre os dois, dependendo, portanto, dos dois ao mesmo tempo, mas em decorrência de uma indiferenciação completa e não de intercâmbio entre formas distintas. De um lado, e, por conseguinte, se não há, no início, nem sujeito, no sentido epistemológico do termo, nem objetos concebidos como tais, nem, sobretudo, instrumentos invariantes de troca, o problema inicial do conhecimento será pois o de elaborar tais mediadores. A partir da zona de contato entre o corpo próprio e as coisas, eles se empenharão então sempre mais adiante nas duas direções complementares do exterior e do interior, e é desta dupla construção progressiva que depende a elaboração solidária do sujeito e dos objetos.” (16)

Diz o que?

O que diz, o homem, então: o que o mundo lhe ensina, o que pensa?

Ora, Kant afirma que o homem é:

- 1 — racional;
- 2 — livre;
- 3 — autônomo;
- 4 — determinado;
- 5 — transcendental. (17)

Nestas categorias, a resposta ao problema?

III — A QUEM

“E aqueles que se calam.” (Platão)

Através dos tempos tem variado a figura do receptor. A história nos narra como muda este elemento. Do homem isolado à massa; do diálogo confessional à multidão; do monólogo mítico-religioso aos *mass media*; das prédicas medievais à intersubjetividade, uma gama imensa de tipos e níveis tem marcado o “a quem” da comunicação humana.

(15) PIAGET — Epistemologia genética.

(16) PIAGET — *idem*.

(17) V. Crítica da Razão Pura e Crítica da Razão Prática.

A quem se dirige hoje a comunicação, senão à massa?

É, a nossa sociedade racionalizada, filha e geradora da massa. (18)

A sociedade de consumo prepara o homem para ser consumido: alfabetização, cultura popular... E de todos os meios a sociedade se serve para atingir o receptor. E todos se juntam a esta sociedade, consumindo e produzindo, produzindo e consumindo.

À sociedade de consumo todos estão engajados, inclusive a "inteligência", agora posta a seu serviço. Comprometida ou a seu favor disponível. Como forma de aceitação ideológica ou como maneira de sobrevivência. Como justificativa de *res cogitans* ou como venda de sua força de trabalho.

A inteligência serve à sociedade de consumo e a ela se nivela e nela se perde e nela deixa a sua individualidade.

IV — ATRAVÉS DE QUE

A sociedade se serve de todo veículo para comunicar-se. O próprio meio é mensagem natural do existente. E quando o existente é artificial, isto é, filho do homem, mais peso tem na transmissão da mensagem elaborada.

Ou, como diz Pasquali:

"Todos os meios relacionantes atualmente à disposição do homem podem ser utilizados, com efeito, tanto para comunicar como para informar." (19)

Mas, fiquemos restritos, no momento, aos canais artificiais de comunicação, ou seja, os *mass media* — tão conhecidos dos leitores — professores ou estudantes de Comunicação. (20)

V — PARA QUE?

"O sociólogo evita a pergunta do por que convivem os homens, por medo da metafísica; limita-se então a dizer-nos como convivem os homens e contenta-se em dizê-lo bem." (*Pasquali*)

"E desde já declaro que o fim da palavra é duplo: ou para ensinar ou para suscitar recordações nos outros ou em nós mesmos." (*Agostinho*)

Aqui, em dúvida, os objetivos da comunicação. Dissemos, no início, que a comunicação tem propósito, objetivo, sentido, finalidade. Há, entretanto,

(18) V. *Revista de Comunicação Social*, Ano 1973, v. 3, n.º 2.

(19) PASQUALI ANTÔNIO — *Sociologia e comunicação*.

(20) Sugiro a leitura de *Fundamentos científicos da Comunicação*, Adisla Sá e outros.

quem negue a intencionalidade da comunicação. Eu, todavia, creio que o traço substancial da comunicação seja a intencionalidade, ficando as discussões, então, para outra oportunidade.

Agostinho, ao reconhecer o fim da palavra, portanto da comunicação, em duplo sentido, aumenta os meus argumentos.

Dois são, no dizer de Agostinho, no *De Magistro*, os objetivos da palavra (comunicação):

- 1 — ensinar;
- 2 — suscitar recordações.

A palavra “ensinar” deve ser entendida em sentido lato, abrangente, como se compreende “comunicação”. Comunicação, *lato sensu*, é “postura, inflexão de voz, seqüência, ritmo e cadência das próprias palavras”, como o uso de objetos, atitudes etc. (21)

Só sob informações existentes na mente do homem é possível desenvolver esta própria mente. Significa que é sob o que o homem tem mentalizado (imagens, conceitos adquiridos no meio) que se edificam o pensamento. É sob o alicerce do conhecimento, então, que o homem constrói o saber e desenvolve a criatividade.

Quando se diz que a mensagem tem que ser significativa e significante, tanto para quem diz como para quem recebe, assegura-se a importância do conhecimento na formação do pensamento.

“Depois de ter o sinal, a mente vai examinar o que este significa, e após o exame é que concede ou nega o que se diz.” (Agostinho)

Ou, noutras palavras, o sinal tem que recordar o que significa, o que representa. Se a mente não recorda o que a palavra significa, não compreende a palavra. A mente tem a palavra e o seu correspondente.

Enfim, “as palavras, pois, existem para que as usemos e as usemos para ensinar.” (Agostinho) (22)

(21) V. Pragmática da comunicação humana.

(22) Este artigo é o esboço de um trabalho sobre o qual desenvolvo reflexões sobre Filosofia e Comunicação. Não representa, então, o mínimo do que proponho realizar.